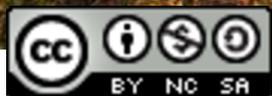


SEJA CERRADO!

E VEJA A VIDA FLORESCEER NOS LUGARES MAIS IMPROVÁVEIS



Plantas medicinais,
soja e clima
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Entrevista com Alves,
o cartunista
LINGUAGEM

Habitantes do Cerrado,
economia e cultura
SOCIEDADE

EDITORIAL

ALGUMAS RELAÇÕES ENTRE NÓS E O CERRADO BRASILEIRO

Antes de contarmos o que você irá encontrar em nossas histórias, é pertinente que coloquemos em evidência nosso personagem principal, o Cerrado. Cerrado é o nome que damos ao segundo maior bioma do território brasileiro. Sua extensão é equivalente à soma das áreas da França, Alemanha, Itália, Inglaterra e Espanha. O nome "cerrado" vem do espanhol e podemos traduzir como "fechado". As florestas densas e "fechadas" do Cerrado apresentam muitos arbustos, gramíneas e árvores de médio porte. Em diferentes regiões do país da qual o Cerrado se estende, encontraremos diferentes fitofisionomias (vegetações características), todavia, todas irão apresentar aspectos em comum, como árvores com cascas grossas e solo seco. Sim, o Cerrado é meio duas caras, três ou até quatro. Mas garantimos que tem virtudes.

Para além de um monte de planta mais ou menos parecida, numa extensão territorial gigantesca, podemos dizer que o Cerrado esconde e ao mesmo tempo exhibe uma das maiores riquezas de espécies de plantas e animais (principalmente aves e insetos) do mundo. Essa característica de riqueza de espécies é chamada de *hotspot*. É de se esperar que isso chame atenção de muitos biólogos que buscam descrever sua primeira espécie, pois a chance de encontrar uma nova é grande (seja lá de qual for o reino!).

Podemos também supor que a riqueza da flora pode atrair cientistas que buscam descobrir o valor medicinal das plantas, não é? Antes mesmo de chamarmos o bioma de Cerrado, ou qualquer cientista pisar nele, já havia gente morando lá. As vezes cultivamos a errônea impressão de que a Natureza fica lá, lá em algum lugar distante. Você verá que não é bem assim, e que há comunidades, como a de Mossâmedes-GO que cultivam plantas nativas do Cerrado com propriedades medicinais e que trazem benefícios não só a saúde, mas também à economia local.

E por falar em economia, iremos trazer algumas informações a você sobre o cultivo de soja no Cerrado. O bioma perdeu parte considerável de sua mata nativa para o plantio de monoculturas como a soja e a cana de açúcar. Você verá o grande impacto econômico da produção de soja no Brasil (e como isso se tornou possível com o desenvolvimento de tecnologia de ponta), sua importância nutricional, e as reduções de impacto (ainda insuficientes) que vem sendo desenvolvidas.

Lembram que dissemos ali no início que as árvores do Cerrado têm casca grossa? Essa é uma proteção contra as queimadas. Comumente, as queimadas são vistas como algo negativo devido suas imagens chocantes. Porém, são de grande importância para cultivar a biodiversidade do Cerrado, que evoluiu com queimadas naturais recorrentes. As queimadas só se tornaram um problema devido a intervenção humana que afetou o equilíbrio natural e a frequência com que as queimadas acontecem.

Saindo um pouco desse cenário mais abrangente e clichê do Cerrado, trouxemos uma entrevista com o cartunista e geógrafo Alves. O mineiro Alves já trabalhou com Maurício de Sousa (criador da Turma da Mônica) e recebeu diversos prêmios em salões de humor. Ele cresceu tendo contato com Cerrado preservado e isso influenciou em sua trajetória. Alves é mestre em geografia e já publicou livros divulgando a importância e a beleza do Cerrado, de forma didática e sensível. É a pessoa perfeita para nos contar mais sobre o bioma, porque ele traz uma visão que vai além do que os livros didáticos propõem: como o próprio Alves disse, "o Cerrado não é nem nunca foi um vazio de gente!".

Mas nem tudo é notícia boa quando falamos do Cerrado, sendo um bioma com um equilíbrio tão delicado, qualquer distúrbio pode causar grandes estragos, um bom exemplo disso é a invasão de animais domésticos como cães e gatos em áreas de preservação. Nesse e-zine vamos tratar um pouco desse assunto que, apesar de ainda não muito difundido, já tem impactos visíveis em alguns locais do Brasil. Dentre esses impactos estão a difusão de doenças comuns em cães domésticos entre espécies de mamíferos silvestres, a disputa de comida entre espécies nativas e as espécies invasoras e a miscigenação entre espécies, causando surgimento de novos indivíduos.

Se perdeu no meio de tanta história nas quais esse Cerrado está envolvido? Depois de discorrermos sobre diversos aspectos do bioma, você lerá uma história sobre um perdido no conto "uma volta no Cerrado". Ao fim da leitura de nosso E-zine você sairá sabendo um pouco mais sobre o Cerrado e quem sabe com uma leve paixão por ele? APROVEITE.

Os editores.

AS PLANTAS MEDICINAIS



POR TAMIRES LAZARETTI DE SOUZA

Cerrado quer dizer fechado, denso, compacto e se origina de 'campos cerrados'. Essa é uma característica muito marcante e vasta no cerrado. Suas árvores são tortas, de casca grossa e folhas duras, devido ao solo da região ser ácido e com alta concentração de ferro e alumínio, um solo pouco fértil. Mas essas características não impedem que esse bioma tenha uma grande variedade de plantas e muitas delas são usadas pelos moradores para tratar da população local.

Desde os tempos antigos o ser humano usa da natureza para conseguir seus recursos necessários para sobreviver, isso inclui também, a utilização das plantas como medicamento. Hoje em dia existem muitas comunidades que utilizam as plantas "in natura" para fazer remédios caseiros. A população de Mossâmedes (GO) é uma dessas comunidades. Orientados por um raizeiro (curandeiro que faz tratamento com raízes), as pessoas desta comunidade fazem uso das plantas medicinais para tratar diversas enfermidades e várias partes das plantas são utilizadas, dependendo da planta ou enfermidade se usa a folha, a casca, os frutos e até as raízes.



<i>Alibertia sp. (Rubiaceae) / marmelo</i>	Infusão / raiz, fruto	Calmante
<i>Eugenia dysenterica DC. (Myrtaceae) / cagaiteira</i>	Fruto fresco	Laxante
<i>Vellozia sp. (Velloziaceae) / canela-de-ema</i>	Decocção / casca, raiz	Antirreumático, dores de coluna, afecções renais
<i>Magonia pubescens St. Hil. (Sapindaceae) / tingui</i>	Suco fresco / planta inteira	Anti-séptico

FOGO NO PARQUINHO!

POR DANIEL VALES

Você sabia que o Cerrado PRECISA do fogo? 😊

Anota aí: savanas em geral precisam do fogo, caso contrário a vegetação começa a ficar muito densa e vira uma floresta! O Cerrado é a savana mais rica em biodiversidade do mundo e a sombra formada pela copa das árvores acaba matando as suas plantinhas (são pequenas mesmo).

O Cerrado ressurgue das cinzas como uma fênix!

As savanas evoluíram na presença do fogo e se adaptaram a isso. As árvores do Cerrado tem uma casca grossa, formada por células mortas, que age como isolante térmico. Ela protege os tecidos vivos internos do fogo e a árvore sobrevive, formando uma nova casca e bola pra frente. As gramíneas simplesmente rebrotam, já que a estrutura subterrânea dessas plantas permite isso (mas a agricultura destrói essas estruturas, logo destrói o Cerrado também :c). Pouco tempo depois de uma queimada, o Cerrado ressurgue das cinzas como uma fênix e nos apresenta seu belo jardim.

Mas não pode sair tacando fogo de qualquer jeito! (͡° ͜ʖ ͡°)

O jeito certo de fazer isso é separar o Cerrado em algumas regiões e depois fazer um cronograma com a época certa de queimar cada parte. Vai ter um rodízio de queimada. Para o bioma, isso garante a reposição da vegetação. Por outro lado, os animais vão ter uma rota de fuga e ainda vão ter um habitat (um lar!) depois das queimadas.

E se proibirem as queimadas nas áreas de preservação? 🙄

Acumula material inflamável na região e quando pega fogo (vai pegar), o parque inteiro queima. A fauna fica sem habitat e alimento. É um desastre!

Tem muita água no Cerrado

Como o solo não é capaz de reter água, as raízes profundas das plantas do Cerrado são capazes de buscar esse recurso no subsolo, proveniente de chuvas de meses atrás. Não é à toa que alguns dos rios mais importantes do Brasil tenham sua nascente no Cerrado. Se lembrarmos que mais de $\frac{3}{4}$ da matriz energética brasileira vem de hidroelétricas, preservar o Cerrado também é garantir energia para você usar seu computador, tomar um banho longo e jogar bastante *vídeo game*.

A SOJA DO CERRADO

POR DANIEL VALES

A soja é muito importante para o mercado mundial e um dos principais produtos exportados pelo Brasil. É um dos principais meios de obter proteína para a nutrição mundial, nos últimos 50 anos, a produção da soja evoluiu de 27 para 269 milhões de toneladas, das quais mais da metade (52%) está sendo cultivada em área de cerrado.

O cultivo da planta era praticamente impossível no país há 40 anos atrás devido à sua incompatibilidade com o bioma. O feito obtido atualmente só foi possível graças ao desenvolvimento de tecnologias protagonizado pela Embrapa. Dentre os trabalhos realizados, podemos destacar o da Dra. Johanna Döbereiner, que estudou a o fenômeno de Fixação Biológica de Nitrogênio. Ocorre, nas raízes, uma simbiose entre as bactérias e as plantas que fornece Nitrogênio naturalmente para a planta. Graças a essa pesquisa, o Brasil economiza bilhões de dólares com fertilizantes nitrogenados em suas produções agro, viabilizando o cultivo em todo o país.



Por outro lado, o desmatamento do Cerrado para que fosse feita a produção da Soja trouxe muitos impactos negativos ao bioma. Esse cenário vem sendo transformado com a demanda de uma produção sustentável e da apresentação de estratégias para tal. Outras medidas de sustentabilidade também são adotadas, como o Código Florestal, que delimita reservas ambientais e obriga preservação de 20% do imóvel caso esteja no Cerrado e 35% no caso de região de transição Cerrado-Amazônia.



ALVES, O CARTUNISTA



Fonte: Instagram Cerrado em Quadrinhos Oficial

O Alves é mestre em Geografia e cartunista. Participou do Maurício de Sousa por 50 artistas, o MSP50, que comemorou os 50 anos de carreira de Maurício de Sousa, já desenhou para jornais como a Folha de São Paulo, além de ter ganhado diversos prêmios nos salões de humor mais importantes do Brasil. Publicou os livros “A Rua de Lá”, “Cerrado em Quadrinhos” e “Lobo-Guará e Lobeira”. Tem uma sensibilidade e didática maravilhosa para ilustrar aspectos ecológicos, humanos e poéticos do cerrado. Quem melhor para participar dessa edição do que alguém que vivenciou, estudou e divulga a importância do segundo maior bioma brasileiro?

Quando começou a sua relação com o cerrado?

A minha relação com o Cerrado começa em 1979, quando meus pais se mudam para Lagoa Santa por motivo de trabalho. É um pequeno município da região metropolitana de Belo Horizonte, onde começa a se adentrar o cerrado mineiro. Eu tinha 3 anos de idade. Fui criado desde então em uma região que ainda tinha muito cerrado preservado, em um bairro chamado Várzea.

Como você percebeu que as pessoas precisavam se conscientizar mais sobre o bioma?

Antes mesmo de entrar na faculdade comecei a perceber a velocidade com que ele vinha sendo ocupado na região onde eu moro. Comecei a cursar Geografia e quando eu decidi o tema do meu TCC, eu já tinha estudado bastante sobre o bioma.

Para além dos problemas que a gente enfrenta aqui na região, que no caso é principalmente a expansão imobiliária, o cerrado sofreu diversas outras mazelas em diversas áreas de ocorrência no Brasil central. Então eu achei que precisava conscientizar as pessoas desses problemas, a monocultura, o latifúndio, a desestruturação de comunidades tradicionais e a má utilização de recursos hídricos.



Fonte: Instagram Material Poético

Na época, em 2008, o cerrado ainda sofria de uma grande invisibilidade e as pessoas tinham uma visão bastante deturpada em relação ao bioma. Por isso, decidi que seria interessante trazer não só os aspectos físicos do cerrado, mas também os aspectos de ocupação humana, para tratar da questão do bioma como fronteira agrícola, como espaço de expansão das cidades no Brasil central.

É um bioma riquíssimo em biodiversidade, em comunidades tradicionais, populações tradicionais, indígenas, quilombolas, quebraadeiras. E essa diversidade e riqueza ficava ocultada até mesmo nos livros didáticos.

Você se lembra de já ter usado alguma planta do cerrado pelas suas propriedades medicinais?

Eu lembro de ter usado muito alecrim do campo misturado no shampoo, é muito bom, hidrata bem o cabelo. A gente consome muitas plantas daqui da região, como pequi, murici, cagaíta, cajuzinho do mato. Mas geralmente para consumo mesmo, não para uso medicinal.

Quando eu tinha uns 5 ou 6 anos, lembro de ter utilizado uma espécie de patuá, um saquinho que ficava pendurado em um colar. A minha mãe pediu para uma benzedeira fazer para mim, para cura de asma.

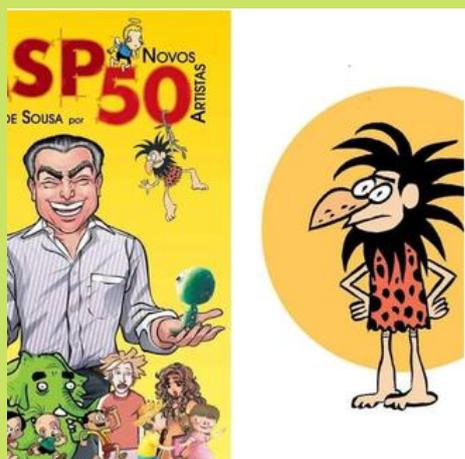
Dentro desse patuazinho tinha uma espécie de fauna do cerrado, aquela formiga cigana. A simpatia não deu muito certo, eu era menino, muito curioso e acabei abrindo o patuá e vendo que ali tinha uma formiguinha. Como não podia abrir o patuá, a simpatia acabou não dando muito certo. Isso reflete muito os saberes tradicionais da região.

O que você gostaria que as pessoas soubessem sobre o bioma?

O cerrado não é nem nunca foi um vazio de gente. É historicamente ocupado por indígenas, quilombolas, vazanteiros, geraizeiros, veredeiros e apanhadores de Sempre-Vivas (Nota: veja mais sobre os apanhadores a seguir). Sempre foi ocupado por esses grupos humanos que tiveram estratégias de muito pouco impacto no ecossistema.

Essa ideia que os latifundiários tentam plantar de que aqui é uma área vazia de gente e que pode ser ocupada a qualquer custo e sem nenhum problema é uma grande farsa.

O bioma permaneceu quase inalterado até 60 anos atrás. A partir do momento em que se começam os grandes empreendimentos agropecuários, começa a derrocada do cerrado, uma destruição rápida e ligeira.



Fonte: Instagram Cerrado em Quadrinhos Oficial

O que levaram 500 anos para fazer com a mata atlântica, fizeram em pouco mais de 50 com o cerrado, que é destruir mais da metade do bioma nesse curto período.

Nos conte um pouco da sua trajetória como artista! Como foi trabalhar com o Maurício de Sousa e ganhar os prêmios que você ganhou?

Eu comecei a fazer cartuns e charges de forma profissional a partir de 1996, com publicações no jornal Estado de Minas. Depois disso comecei a fazer roteiros para a Turma da Mônica. Na época a gente mandava os roteiros por fax e eles aprovavam lá.

Lembro até hoje porque foi uma experiência muito legal. Mandei uma cartinha com os roteiros e a editora da época deu o retorno falando que tinha gostado muito e pedindo para que eu mandasse os trabalhos. Eu era bem novo na época e era legal ver os roteiros aprovados na Turma da Mônica.

Gostava muito de desenhar o Piteco, o Cascão, o Chico-Bento, o Papa-Capim. Esses personagens que tinham muito a ver com o meio natural eram os que eu mais gostava de fazer. Foi uma experiência muito boa.

Anos depois, em 2011, fui convidado pelo Maurício de Sousa para desenhar algum personagem dele com meu próprio traço e escolhi fazer o Piteco. Isso foi para uma coletânea que se chama MSP50 e foi uma homenagem aos 50 anos de carreira do Maurício de Sousa.

Quanto aos prêmios que ganhei, eu brinco que os salões de humor foram uma parte da minha história, porque eles também me forjaram como cartunista. Aprendi muita coisa participando deles. Às vezes eu era selecionado, às vezes não e depois comecei a ganhar.

Quando eu comecei a gente não tinha tanto acesso assim à internet. Eu então, não tinha praticamente nenhum. Então os salões foram uma grande escola, foi por eles que aprimorei o meu traço, via os desenhos de outros cartunistas e me inspirava também.

Em 2009, passei a fazer parte do time da Mad, que é uma revista em quadrinhos de humor bem escrachado, underground. Em 2010, passei a publicar na Folha de São Paulo, onde eu fazia charges sobre economia, ilustrações de política, de temas variados. Em 2012, depois da Folha, lancei um livro chamado "A Rua de Lá" e em 2015 eu lanço a série "Cerrado em Quadrinhos", também em livro.

Atualmente tenho trabalhado como cartunista *freelancer* e feito tiras, charges e quadrinhos para os meus perfis no Instagram, Facebook, Twitter.

Ficou com gostinho de quero mais? Siga o Alves nas redes sociais:

<https://www.instagram.com/materialpoetico/>

<https://www.instagram.com/cerrado.em.quadrinhos.oficial/>

OS HUMILHADOS SERÃO EXALTADOS: O ALECRIM DO CAMPO E O PRÓPOLIS VERDE

POR LILIAN HARUMI YOSHIDA

Em uma colônia de abelhas, algumas operárias são encarregadas da coleta de compostos medicinais para a produção do própolis. Ele é usado para matar fungos e bactérias na colmeia, mumificar invasores e tapar buracos. Antigamente, os apicultores produziam majoritariamente mel e o própolis era descartado.

O interesse pelo própolis verde começou no Japão, que usa o composto para tratar diversas doenças e que atualmente é o maior importador do produto brasileiro.

O própolis verde é feito a partir do alecrim do campo, que era visto como invasor de pastagem. As abelhas vão até os brotos e buscam as glândulas internas da planta, que produzem uma substância chamada Artepelin-C. Ao estudarem mais a fundo esse composto, descobriram a atividade antimicrobiana e seu uso na prevenção do câncer, além da melhoria do sistema imunológico.

A cidade de Bambuí, MG, concentra o maior número de produtores no Brasil e eles estão empenhados na preservação das abelhas e do alecrim do campo. Inclusive, o alecrim passou a ser cultivado próximo das caixas de abelha para aumentar a produtividade de própolis e, por estar nos arredores, auxiliou os produtores a observar melhor o funcionamento das colmeias.

Assim, o própolis verde, que era descartado, passou a ser o carro-chefe dos produtores, com o dobro do preço do própolis comum e exportado para mais de 15 países.



Fonte: André Dib e MAPA



OS APANHADORES DE SEMPRE-VIVAS

DE LILIAN HARUMI YOSHIDA

As Sempre-Vivas são famosas por não perderem sua forma e cor mesmo depois de colhidas e secas. Essas plantas ornamentais, usadas no artesanatos, são muito procuradas, tanto no mercado interno quanto no exterior: são exportadas para os Estados Unidos, países asiáticos e europeus.

Existem comunidades na Serra do Espinhaço, MG, descendentes de indígenas, portugueses e africanos, que criaram uma identidade territorial e têm um modo de vida muito único e sustentável, relacionado à coleta dessas plantas. São, no total, cerca de 1.500 pessoas, que vivem em 6 comunidades nas cidades de Buenópolis, Diamantina e Presidente Kubitschek.

Eles usam a roça de toco, uma forma de cultivo milenar, para cultivar hortaliças, milho, frutas, mandioca, feijão e plantas medicinais. A técnica consiste em manejar pequenos terrenos em áreas onde ocorre o acúmulo de matéria orgânica, que é fundamental para a fertilidade do solo. Quando fazem a roçada e a queima superficial, o solo é nutrido para as próximas produções.

Mas possuem uma peculiaridade: na época da chuva, coletam as Sempre-Vivas no pé da Serra e quando começa a ficar mais seco, sobem o morro para continuarem a colheita. Morro acima, as diversas comunidades se encontram e se estabelecem: as grutas são feitas de moradia, levam alguns animais e fazem roças. As terras são compartilhadas e o direito de uso é baseado no parentesco.

Também elaboraram, em conjunto com diversas instituições, um plano de ações para manter o meio ambiente, manter e desenvolver o sistema agrícola, promover a inclusão econômica e acesso a políticas públicas que garantam o reconhecimento dos apanhadores.

Os apanhadores de Sempre-Vivas, como essas comunidades se autodenominam, foram os primeiros do Brasil a receber o selo SIPAM (Sistema Agrícola Tradicional de Importância Mundial), concedido pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura). Isso significa que a FAO reconhece essas comunidades como tradicionais que preservam técnicas seculares de manejo da terra e desenvolvem em seu território uma relação sustentável com a natureza. Existem menos de 100 comunidades no mundo com esse título.

O gerente de projetos da FAO no Brasil, Marcello Broggio, disse que a consciência das comunidades, a organização social focada no seu estilo de vida único e a coesão na luta contra ameaças, como o avanço da monocultura de eucalipto, foram os pontos mais importantes para conseguir o selo.

Com esse reconhecimento, os apanhadores esperam ampliar as ações de preservação, a transmissão dos conhecimentos e o acesso a novos mercados. Também demandam melhorias no beneficiamento e produção das flores.

A cerimônia para anunciar oficialmente o título de SIPAM para a comunidade de Apanhadores de Sempre-Vivas ocorreu em março de 2020, em Brasília.



Fonte: Alves

PETS NO CERRADO

POR ROBSON CAZUO HORIQUINI

O Cerrado tem um equilíbrio muito delicado e qualquer mudança pode gerar resultados catastróficos na manutenção desse bioma. Por isso é importante a conscientização sobre o mal que animais exóticos, principalmente os domésticos, podem causar sobre a fauna nativa.

Dentre os vários problemas causados por animais domésticos, dois são os mais preocupantes, a disseminação de doenças e a proliferação desenfreada desses animais dentro do cerrado.

Desde um simples passeio com seu cachorrinho em uma trilha, até a soltura criminosa de filhotes, podem levar à transmissão de doenças através de urina, sangue, fezes ou pulgas. Doenças comuns para os animais domésticos podem ser fatais para as espécies locais.

Outro grande problema é a proliferação de espécies invasoras. Os animais domésticos são espécies exóticas e por isso não têm uma posição correta dentro da pirâmide alimentar do Cerrado. Esses animais acabam competindo alimento com as espécies nativas, não possuem predadores e, por essa razão, não tem sua população controlada. Ambiente perfeito para crescer livremente e privar espécies naturais do cerrado de alimento ou espaço.

Há também a possibilidade de criação de novas espécies pelo cruzamento de indivíduos nativos com exóticos. Um exemplo é o popular Java-porco, que é uma espécie oriunda do cruzamento do javali com o porco do mato. Essa espécie nova é extremamente agressiva e está crescendo e roubando o habitat de outras espécies do cerrado e também gera grande competição em áreas com acesso a água.

Por tudo isso, local de animal doméstico é em casa com seus donos, e não solto no Cerrado.



Curiosidades

Você conhece algum fato curioso sobre o Cerrado? Se não, tá aqui 10 fatos legais sobre esse gigante brasileiro:

1. O cerrado é o segundo maior bioma da América do Sul, com 2 milhões de quilômetros quadrados, sua extensão equivale à soma das áreas da Espanha, França, Alemanha, Itália e Inglaterra.
2. Por ser tão grande, ele também é o bioma que está presente nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Rondônia, Paraná, São Paulo e Distrito Federal.
3. Infelizmente o cerrado, diferente da Amazônia, Mata Atlântica e Pantanal, não é considerado patrimônio nacional pela Constituição Federal, o que torna difícil a luta pela conservação de sua biodiversidade.
4. Diferente do que estamos acostumados a ouvir sobre as quatro estações do ano, no cerrado só existem duas grandes marcas, o tempo da seca e o tempo das chuvas.
5. Apesar de passar a imagem de um local seco e com pouca água, é no cerrado que nascem os rios que formam as principais bacias hidrográficas do país, entre eles, Parnaíba, Paraguai, São Francisco e Amazônica. E também é no território do cerrado que se encontram os aquíferos Guarani, Bambuí e Urucuia.

6. O cerrado abriga uma grande quantidade de espécies que não são encontradas em nenhum outro lugar do mundo, por isso ele é considerado um hotspot mundial. Entre seus números exorbitantes de animais e plantas se destaca os insetos, acredita-se que existam mais de 14 mil espécies, aproximadamente 47% da diversidade de insetos do Brasil.

7. Entre os animais que estão estampados nas notas de reais estão presentes no cerrado a Garça-branca-grande da nota de R\$5, a Arara-vermelha-grande de R\$10, a poderosa Onça-pintada de R\$50 e o novato Lobo-guará de R\$200.

8. Apesar do cerrado ser um bioma único, sua fisionomia muda dependendo do bioma vizinho, da altitude e outros aspectos, essa mudança se chama Fitofisionomia e o cerrado conta com pelo menos 8 fitofisionomias: Campos Limpos, Campo Sujo, Cerrado Stricto Sensu, Mata Seca, Cerradão, Matas de Galerias, Veredas e Cerrado Rupestre.

9. Dia 11 de setembro é celebrado o Dia Nacional do Cerrado.

10. Sendo tão grande, é claro que iriam existir povos que tem seu local de origem no cerrado. Entre as populações indígenas que habitam essa região temos os Karajás, Avá-Canoeiros e Xerentes.

Bônus: O cheiro da urina do lobo-guará lembra muito o da maconha. Isso se deve à presença de pirazinas, que servem como aviso para manter intrusos longe!

Por Robson Cazuó Horiqini

UMA VOLTA NO CERRADO

POR JULIO DOMINGUES ALVES

Me pediram para escrever sobre minha história no Cerrado, não quis. A história ficou guardada na memória, as vezes acessava com angústia, dor e deboche. Até virou piada quando convinha, poucos conheciam. Para sair expressa em palavras era difícil, me faltava vontade, propósito, porque achava que ninguém iria querer ler, não ficaria boa.

Eu estava perto de concluir os estudos em Biologia, cursando algumas matérias para finalmente formar, dar adeus à cidade. Numa delas, estive num grupo de trabalho em que nós tínhamos que criar um Zine sobre assuntos do Cerrado. Calhou de trazer a história, enfim, colocá-la em evidência. Impulsivo, impus o desafio a mim mesmo para escrever e disse aos colegas "deixem que essa parte de linguagem comigo, vou escrever um conto sobre o Cerrado!". Ninguém se opôs.

Depois de superar o arrependimento e já sem prazo, sentei a bunda cadeira para escrever. Comecei nomeando minha personagem, se chamaria Alba García, mas depois troquei para Isabel Hernandez, ela não gostou de Alba, parecia nome de velha. Ela insistiu em contar a história com suas próprias palavras, coisa que retruquei dizendo que em terceira pessoa ficaria bem melhor, e que eu não fico dando firulas nos leitores, vou direto ao ponto. Me desafiou que eu escrevesse apenas algumas linhas, elas começavam mais ou menos assim:

Isabel foi amiga de Cielo e juntas vieram fazer intercambio no Brasil. Na aula da manhã Isabel ouviu do professor de astronomia que naquela noite seria Lua cheia, e "as noites de Lua cheia são ótimas para os passeios noturnos no Cerrado".

Mas Isa rechaçou trazer Cielo tão cedo nas primeiras linhas e me disse não existia nenhum professor ali naquela história. Receoso do seu jeito estranho de escrever, as digressões infinitas, aquele jeito irritante de ser prolixa, delirante. Resolvi dar voz a ela, do jeitinho dela, sem alterar uma virgulinha, desde que ele escrevesse tudinho em português.

Não nos aborreça.

Começo então pelo fim. Os meus batimentos estavam ainda um tanto acelerados, não sei se de pavor ou alegria. O que lembro antes de minha memória borrar se parece com calor humano, alguns suspiros e culpa.

Percebo o dia dar sinais de despedida às quatro horas da tarde. O Sol me cega desatenta. Os passarinhos começam a cantar como no comecinho do dia, certos de que daqui a pouco todos vão dormir. Não amo o dia, muito menos a noite. Eu amo esse limite entre dia e noite, entre luz e as trevas. E quando algo me aflige o espírito, corro para assistir ao pôr do Sol e peço a ele me dizer o que fazer de melhor; o Sol é meu conselheiro, meu guia.

Passei em casa por uns minutos, peguei a bicicleta para meditar pelas trilhas do Cerrado por alguns minutos e me encontrar com Sol para uma reza.

Depois de algumas voltas eu trilhei com a bicicleta para um ponto elevado e assim olhar para o oeste. Em minha terra cerrado quer dizer fechado. O fragmento de mata era fechado, serrado por trilhas contornadas por braquiárias, do chão duro subia poeira branca e amarelada. Cercada de árvores médias, troncos cascudos e retorcidos, folhas grossas e ásperas. Ouvia nitidamente um sinfonia de passarinhos se silenciando e dando lugar ao zig zag dos grilos, e nas proximidades do lago o coaxar dos sapinhos. Vez ou outra um mosquito zumbia no meu ouvido. Descansei a bicicleta de lado, sentei-me em um dos tocos arrançados na clareira elevada.

Desconfiei que estivesse prestes a tomar uma decisão estúpida. Eu queria voltar para casa e dizer a Cielo (minha conterrânea e colega de quarto no Brasil) que a amo. Mesmo sabendo da óbvia estranheza que isso provocaria nela, uma possível repulsa, um momento desconfortável e vergonhosos, triste também. Cielo não sente desejos por mulheres. Mas porque ela não sabe o quanto seríamos felizes juntas. Somos ótimas amigas, posso conviver com ela e guardar esse segredo, e não assustá-la com nenhuma conversa lésbica sobre amores improváveis. Então meu querido Sol me fez mudar de ideia e disse para eu não tomar uma atitude desse gênero, mas deixou em aberto algumas questões no meu coração. A grande esfera laranja escondia-se depressa e lentamente, o vento gelado pegou-me pelas costas.

POR JULIO DOMINGUES ALVES

Quando as cores quentes lentamente foram substituídas pelo azul acinzentado do Cerrado me dei conta de que era hora de voltar para casa. Mas não sabia que horas eram, o celular tinha ficado em casa. Refiz o caminho de volta mas não encontrei a saída. Talvez tivesse virado na primeira esquerda e não na segunda, então voltei, repeti o trajeto, mas dei com uma linha reta muito mais demorada do que eu havia sentido na ida. Parei novamente no meio do caminho. Vultos negros atravessavam meu campo de visão, julguei serem morcegos exageradamente silenciosos. Conseguia ver as estrelas no céu limpo, a Lua realmente estava cheia e para minha sorte conseguiria ver, ainda com dificuldade, o caminho de volta para casa. Eu aceitei que estava perdida. Mas encontrar a saída seria rápido, além de que não deveria estar longe dos limites da universidade. A lua iluminava como um lâmpada num teto muito alto e negro.

Corri pelas trilhas. Capotei depois de esbarrar num formigueiro gigante. Parecia um golpe da natureza, uma lição. Comecei a ficar desconfortável, o tempo era muito apertado. Lutei contra meu medo e fui derrotada. Gritei muito alto pedindo socorro. Ninguém. Eu parecia estar perdida bem no meio da floresta, fechada no meio do mato seco e frio.

Segui uma trilha cheia de buracos de tatu pelo chão e ao longe (depois de uma grande cerca) uma luz vermelha. Parecia uma luz de carro bem distante. Gritei:

- EEEEEi !

- ...

- Estoy perdida! Ayuda!

Aguardei aflita uma aproximação. Não veio. Dai ouvi uma voz gravemente feminina “esquerda, direita, esquerda, direita!”. E sumiu, a luz sumiu. Repeti várias vezes enquanto seguia o trajeto longo. Então finalmente saí rápida como sangue em minhas veias. Já em casa, dei cara com Cielo, o resto vocês já sabem.

POR JULIO DOMINGUES ALVES

Referências

Os Apanhadores de Sempre-Vivas

Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais GESTA - UFMG. Agricultura tradicional dos apanhadores de flores sempre-vivas se torna patrimônio mundial.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão do Estado de Minas Gerais - EMATER MG. Conheça o modo de vida dos apanhadores de flores sempre-vivas em Minas Gerais.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. Apanhadores de flores sempre-vivas recebem reconhecimento internacional como o primeiro Patrimônio Agrícola Mundial do Brasil.

Os humilhados serão exaltados: o alecrim do campo e o própolis verde

Revista Globo Rural. Própolis verde dá novo uso à vassourinha-do-campo.

Fogo no parquinho:

José Tadeu Arantes. Fogo amigo no Cerrado. Agência FAPESP. Publicado em 11 ago. 2017.